

## ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA SOBRE ATLETAS TRANSGÊNERO NO ESPORTE

---

Erik Giuseppe Barbosa Pereira<sup>1</sup>

Rafael Marques Garcia<sup>2</sup>

Gabriel Frazão Silva Pedrosa<sup>3</sup>

**Resumo:** Objetivamos analisar a produção científica relacionada à participação de atletas transgênero em competições esportivas a partir da data de publicação do consenso de 2015 do COI sobre redesignação de sexo e hiperandrogenismo. Para tanto, valemo-nos da técnica de análise bibliométrica para coletar nossos dados nas bases científicas SciELO, PubMed, BVS, Web of Science and Scopus. Encontramos 10 trabalhos escritos por 27 autores/as filiados a 17 instituições de 5 países diferentes, concentrados na Europa e nos Estados Unidos, com destaque relevante para intervenções qualitativas que problematizam socialmente a transgeneridade no esporte.

**Palavras-chave:** Esportes; Pessoas transgênero; Bibliometria.

**Abstract:** We aimed to analyze the scientific production related to the participation of transgender athletes in sports competitions from the date of publication of the 2015 IOC Consensus on Sex Reassignment and Hyperandrogenism. For this, we use the bibliometric analysis technique to collect our data in the scientific databases SciELO, PubMed, VHL, Web of Science and Scopus. We found 10 works by 27 authors affiliated to 17 institutions from 5 different countries, concentrated in Europe and United States, with emphasis on qualitative interventions that socially problematize transgender in sport.

**Keywords:** Sports; Transgender people; Bibliometrics.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

---

1 Doutor em Ciências do Exercício e do Esporte pela UERJ. Professor adjunto da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ. E-mail: [egiuseppe@eefd.ufrj.br](mailto:egiuseppe@eefd.ufrj.br). Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-8129-4378>

2 Doutorando em Educação Física pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física pela UFRJ, Brasil. E-mail: [rafa.mgarcia@hotmail.com](mailto:rafa.mgarcia@hotmail.com). Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-0837-1493>

3 Graduando do curso de Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil. E-mail: [gabrielpsf@yahoo.com.br](mailto:gabrielpsf@yahoo.com.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6251-8153>

## Introdução

De acordo com Jesus (2012) e Le Breton (2014), a categoria “trans” é um conceito guarda-chuva que contém as diversas maneiras de se (des) identificar com o sexo/gênero, podendo se dar por meio da transexualidade (que fixa/marca o sexo/gênero na identificação oposta à que lhe foi atribuída socialmente), da travestilidade (uma identidade que não se reconhece como homem, preferindo ser tratado por pronomes femininos, porém também não se identificando como mulher; podendo atuar como um terceiro gênero) e da transgeneridade (na qual as pessoas transgênero não se reconhecem no sexo/gênero que lhes foi atribuído, mas não necessariamente fixam uma identificação estável, estando sua particularidade, justamente, na capacidade de ser fluido e promover a movência das identificações e expressões dos corpos à luz das releituras de gêneros).

Como se sabe, a presença de pessoas trans como atletas inseridas em competições esportivas tem uma enorme significância simbólica que nos faz refletir acerca da representação desses sujeitos incorporados no meio social, uma vez que esses espaços podem ser interpretados como inclusivos e permissionários ao processo de socialização e visibilidade desse público, muito embora não favoreçam a integração e inclusão dessa parcela atlética em específico (COELHO; MOURÃO, 2018).

Os estudos sobre pessoas trans na área da Educação Física e Esporte ainda é recente, concentrando-se predominantemente na área sociocultural. Os autores e autoras que se inclinaram/inclinam a debater sobre a temática são: Silvana Goellner, Wagner Camargo, Leandro Brito, Erik Pereira, Ludmila Mourão, Vagner Prado, Neil Franco, Iraquitam Caminha e Thiago Iwamoto. No que tange às discussões sobre a participação de atletas trans em competições oficiais e, mais especificamente, em edições dos Jogos Olímpicos, percebe-se notório debate depois da publicação, pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), de seu novo consenso<sup>4</sup>, em 2015, para permitir essa atuação (PASSOS, 2016).

O que outrora acontecia apenas nas competições esportivas como nos Jogos Olímpicos Gays ou “Gay Games”, que foram elaborados com a finalidade de inclusão de esportistas que não se reconheciam nos ditames heterossexuais, depois do consenso do COI/2015 abriram-se meios para inserção de atletas trans para que pudessem participar de competições

---

4 Reunião de consenso do COI sobre redesignação de sexo e hiperandrogenismo. Disponível em: <https://bit.ly/30ZHuNE>. Acesso em 11 set. 2019.

oficiais, uma vez que, de acordo com as recomendações anteriores, de 2003, fazia-se necessário que o/a atleta tivesse reconhecimento legal em seu país de origem para poder competir, além da cirurgia de redesignação sexual obrigatória (hoje, facultativa).

Todavia, alguns países apresentavam restrições legais para a ocorrência desse fenômeno, inviabilizando, assim, a inclusão dessas pessoas no fenômeno esportivo (CAMARGO, 2016). A problemática ainda se mantém para atletas intersexuais, conforme destaca Pires (2016, p. 229):

Em um comunicado publicado em novembro de 2015, a Comissão Médica do COI indica uma outra resolução em que, por um lado, avança em questões alinhadas aos direitos humanos da população trans, ao permitir a elegibilidade destes atletas sem a necessidade de realizar cirurgias de transgenitalização e, por outro lado, reafirma seu desconhecimento sobre os direitos humanos implicados nas políticas de verificação de sexo/gênero das atletas intersexuais, ao encorajar a IAAF [International Association of Athletics Federations/Associação Internacional de Federações de Atletismo] e outras federações esportivas a produzirem material para embasar a resolução de hiperandrogenismo.

Diante da constância de transformações ocorridas nesse cenário, o campo científico por natureza tende a acompanhar tais fenômenos sociais para explorá-los e melhor descrevê-los. Várias hipóteses são versadas a respeito da participação de pessoas trans no esporte, sobretudo em competições esportivas oficiais.

Muito se questiona sobre o desempenho esportivo desses/as atletas quando inseridos em equipes aos quais eles/as venham a compor, despertando diversas reações sociais (ANJOS, GOELLNER, 2017; BORGES, 2018; BOTELHO, AGUIAR e QUADRADO, 2019; BRITO e PONTES, 2015; COELHO; MOURÃO, 2019; COELHO et al., 2018; DA SILVA, 2019; DEVIDE, 2018; FREITAS, 2018; GARCIA; PEREIRA, 2018; 2019; GRESPAN; GOELLNER, 2014; IWAMOTO e ALMEIDA, 2018; PAES e MOAS, 2018; PIRES, 2016; PRADO; NOGUEIRA, 2018; REZENDE; PASSOS, 2018; SILVA; MOURA; LOPES, 2018).

Diante do exposto, objetivamos, portanto, analisar a produção científica relacionada à participação de atletas trans em competições esportivas produzida a partir da data de publicação do consenso do COI/2015. Tivemos como objetivos específicos: levantar o número de publicações desenvolvidas; e identificar as revistas, as instituições às quais pertencentes, as regiões

de publicação com maior quantitativo de trabalhos publicados, os anos de maior publicação e o perfil de seus/suas autores/as.

## Metodologia

Este estudo contou com duas divisões principais de etapas para composição de sua organização e estruturação. Para tanto, valemo-nos da técnica de análise bibliométrica para quantificar e analisar as fontes teóricas que versavam sobre a temática em tela. Essa técnica configura-se enquanto quantitativo-estatística, auxiliando na medição de índices de produtividade e de propagação do conhecimento, além de acompanhar o desenvolvimento nas mais diversas áreas da ciência, os padrões de autoria, de publicação e de uso dos resultados de investigação. A apreciação da produção científica dá-se por meio da aplicação de numerosos indicadores bibliométricos que são subdivididos em apontadores de qualidade, de importância e de impacto científicos (COSTA et al., 2012).

A bibliometria teve seu surgimento por volta do século XX, sendo uma “ferramenta” que permitia acompanhar o crescimento e o desenvolvimento das mais diversas áreas da ciência. O termo “*statistical bibliography*” é utilizado para aplicação de técnicas estatísticas e matemáticas que permitem descrever os meios de comunicação (análise quantitativa da informação) (SANTOS, 2015). Moraes et al. (2013) vão além ao afirmar que esse tipo de pesquisa promove uma análise das produções científicas, permitindo o embasamento para a produção de novos trabalhos.

Assim sendo, embasamos nossa empreitada em Dal Pizzol et al. (2015), dividindo-a em duas seções: na primeira, realizamos uma busca sistemática na literatura, complementada pela coleta, aplicação de filtros e padronização dos resultados. Posteriormente, desenvolvemos uma análise descritiva compreendida pela análise e pela seleção dos dados coletados, resultando na elaboração deste estudo final. Seguimos as seguintes etapas para tal:

### **Etapa 1 – Definição dos termos de busca**

Para a realização das buscas bibliográficas nas bases de dados científicos, utilizamos os descritores na língua inglesa para melhor e fidedigna apresentação dos resultados, tendo em vista que a busca central se baseia em uma resolução internacional que abrange todos os países onde exista alguma forma de competição esportiva com pessoas trans. Assim, utilizamos os termos: “*transgender persons*” acrescidos dos caracteres booleanos

AND “athletes” AND “sports” e seus respectivos termos traduzidos para o português, já que esse é nosso idioma oficial. A definição dos termos de busca deu-se a partir do uso do servidor de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).

Tal servidor compreende a busca e a utilização por meio de palavras-chave em comum com um descritor padrão adequado para uma correta indexação. Para cada descritor apresentado existe uma definição para o termo a ser utilizado.

Brandau, Monteiro e Braille (2005) consideram que os descritores são de extrema importância e precisam ser bem definidos para uma adequada indexação, uma vez que permitem a delimitação de determinado campo de estudo. Para além disso, o uso de um vocabulário adequado permite ao/à pesquisador/a recuperar a informação com o termo exato utilizado para descrever o conteúdo daquele documento científico.

### **Etapa 2 – Consulta nas bases de dados**

Os dados utilizados neste estudo são provenientes de cinco bases de dados científicos, sendo eles: SciELO, PubMed, BVS, Web of Science and Scopus. A escolha dessas bases de dados deu-se em razão de serem de caráter transdisciplinar e por terem registros consistentes sobre os termos pesquisados, além de permitirem a exportação dos dados para *softwares* gerenciadores de referências bibliográficas.

Cada uma dessas bases apresenta características próprias de estruturação e indexação dos termos de pesquisa, o que requereu estratégias de busca diferentes para cada uma delas. A pesquisa foi realizada por dois investigadores no período compreendido entre agosto e setembro de 2019 e, além da restrição resultante da escolha do campo de busca, os artigos foram restritos aos idiomas inglês e português, publicados em variados formatos. Depois do resultado gerado pelas bases, a busca foi complementada pela leitura dos títulos e dos resumos dos trabalhos. Havendo divergências quanto à análise dos dados, um terceiro investigador atuou para consenso.

### **Etapa 3 – Exportação dos dados**

O resultado das buscas encontradas nas bases científicas foi exportado e carregado na ferramenta de gerenciamento de referências

bibliométricas EndNote<sup>5</sup>, permitindo a criação de um conjunto único com todos os artigos selecionados. Criada pela Thompson Reuters, essa ferramenta permite a exportação de informações como título, autores/as, ano de publicação, local de publicação e instituição, todas empregadas neste trabalho (DAL PIZZOL et al., 2015).

#### **Etapa 4 – Aplicação de critérios de seleção**

Nesta etapa foram aplicados os seguintes critérios: 1) estudos publicados a partir do consenso do COI/2015; 2) inclusão de artigos publicados em inglês e português (este último em função do idioma da autoria); e 3) disponíveis para leitura na íntegra e relacionados à temática.

Quanto aos critérios de exclusão, adotamos os seguintes: 1) artigos duplicados (indexados em mais de uma base de dados); 2) artigos não condizentes com a temática ou indisponíveis para leitura na íntegra; e 3) artigos publicados em outros idiomas que não os de inclusão.

#### **Etapa 5 – Padronização dos dados**

Em razão de cada uma das bases de dados ter estruturação própria na apresentação dos resultados, houve a necessidade de padronização. Existem vários programas que auxiliam no processo de análise dos dados em pesquisas desse cunho; ainda assim, preferimos utilizar o *software* Microsoft Excel<sup>6</sup> para catalogação manual das informações provenientes dos estudos encontrados. Os itens/categorias elencadas no *software* selecionado, de modo a possibilitar essa organicidade, foram definidos de acordo com os objetivos da pesquisa e encontram-se descritos na Tabela 1 e no Quadro 1.

#### **Etapa 6 – Análise dos dados**

Ao ser realizada a padronização dos dados, foi possível aplicar de forma analítica e precisa as informações essenciais para este estudo. Identificamos os seguintes itens: base de dados; publicações localizadas; publicações filtradas; exclusão de repetidas; exclusão de fora de contexto; e total de selecionados. A partir daí, analisamos as características dos estudos selecionados

---

5 *Software* que gerencia referências bibliográficas de artigos científicos, importando dados disponíveis *online* e organizando-os por grupos de assuntos. Neste estudo em especial, foi utilizado para fazer a catalogação das referências e a seleção de estudos duplicados.

6 Sabemos da existência de programas específicos para trabalhar com análise de dados em pesquisas qualitativas, tais como NVivo, Many Eyes, Atlas, webQDA, MAXQDA, The Ethnograph, VideoScribe, entre outros, entretanto, optamos por utilizar o *software* Microsoft Excel por já ser de domínio dos autores deste trabalho.

para composição deste texto, tais como seu título, os/as autores/as, o ano de publicação, a revista e/ou livro e os principais apontamentos.

Esta etapa permitiu a classificação correta dos resultados com base na leitura dos trabalhos e seus resumos e, também, dos próprios artigos, na íntegra, como forma de melhor adequação do objeto de estudo ao conhecer sistematicamente tais achados. Tal técnica possibilitou, ainda, conhecer outras possíveis áreas que são correlatas à inserção de pessoas trans no esporte como um todo.

## Resultados e discussões

Fazendo uso dos três descritores utilizados na seção de busca, encontramos 238 estudos, dentre artigos, capítulos de livros e anais de congressos. Nesse primeiro levantamento, aplicamos o filtro dos estudos duplicados e dos que não tinham aderência à temática. Por meio do *software* EndNote, foram excluídos 3 trabalhos duplicados e 136 atemáticos.

Seguindo a técnica, demos início ao processo de qualificação dos resultados, aplicando os filtros da pesquisa e obtendo um total de 10 estudos, que compuseram os dados amostrais desta pesquisa, de acordo com a Tabela 1:

**Tabela 1:** Número de publicações selecionadas nas bases

Bases de dados	Publicações localizadas	Publicações filtradas	Exclusão de repetidas	Exclusão de fora de contexto	Total de selecionadas
SciELO	-	-	-	-	0
BVS	10	8	-	3	5
PubMed Central	28	13	-	12	1
Web of Science	4	3	-	3	0
Scopus	196	125	3	118	4
<b>Total</b>	<b>238</b>	<b>149</b>	<b>146</b>	<b>136</b>	<b>10</b>

Fonte: Elaboração própria.

Entre os 10 estudos selecionados para composição amostral desta pesquisa, 2 são capítulos de livros publicados por editoras com forte relevância no cenário científico editorial. Os estudos foram escritos por 27 autores/as, vinculados a 17 instituições científicas, entre elas hospitais e institutos de pesquisa de 5 países diferentes, incluindo o Brasil. Para consideração das instituições às quais os/as autores/as tinham vínculo, utilizamos somente as instituições de ensino superior. Os/as autores/as utilizaram cerca de 10 palavras-chave para indexação

de seus resultados e 394 referências bibliográficas contendo as mais recentes fontes para embasamento teórico de seus trabalhos. Esses dados estão explicitados na Tabela 2:

**Tabela 2:** Dados bibliométricos gerais das publicações selecionadas

Dados bibliométricos	Frequência
Publicações selecionadas	10
Autores/as encontrados/as	27
Fontes de publicação	6
Instituições pertencentes	17
Países de publicação	5
Palavras-chave utilizadas	10
Referências citadas	394

Fonte: Elaboração própria.

Em continuidade à explicitação dos resultados e como forma de dar clareza à sua apresentação, desenvolvemos um quadro contendo todos os estudos encontrados, fazendo uso de referencial teórico para sua elaboração e expondo os principais traços de cada obra, bem como seus principais achados.

**Quadro 1:** Características dos estudos selecionados para composição desta análise

Título	Autores/as	Ano	Revista	Principais achados
“Beyond Fairness: The Biology of Inclusion for Transgender and Intersex Athletes”	Pitsiladis et al.	2016	<i>Current Sports Medicine Reports</i>	Comentam acerca da legitimação do consenso do COI/2015 quanto à participação de atletas trans, avaliando os meios que levaram a esse resultado e as dificuldades presentes nesse contexto. Suscitaram a necessidade de se conhecer os efeitos das possíveis vantagens que, talvez, tenham as mulheres trans sobre mulheres cisgênero <sup>7</sup> .
“The unfinished race: 30 years of gender verification in sport”	Martínez-Patiño, Vilain e Bueno-Guerra	2016	<i>The Lancet</i>	Tratam sobre a historicidade dos métodos de verificação de gênero no esporte e suas características, desde os primeiros métodos até os atuais, embasados pelo consenso do COI/2015. Refletem sobre a possibilidade de categorias adicionais de gêneros em razão da fluidez das identificações pessoais.

Continua...

7 A pessoa cisgênero é aquela que se reconhece no gênero que lhe foi atribuído socialmente. O termo está abarcado pela terminologia “cis”, que também abarca a derivação cissexual, que se refere à pessoa que se reconhece no sexo biológico que lhe foi atribuído no nascimento. Assim, afirmar que uma pessoa é “cis” significa dizer que ela se reconhece no sexo e gênero que lhe foram designados.



### Quadro 1: Continuação.

Título	Autores/as	Ano	Revista	Principais achados
“Sport and Transgender People: A Systematic Review of the Literature Relating to Sport Participation and Competitive Sport Policies”	Jones et al.	2016	<i>Sports Medicine</i>	Trazem uma revisão acerca das políticas esportivas e da participação de pessoas trans no esporte. Alertam ao fato de que a maioria das políticas esportivas para esse público não são baseadas em evidências, o que tende a mascarar a real situação de evasão de pessoas trans de alguns esportes justamente por conta de regras físico-sociais.
“The fairest of them all: Gender-determining institutions and the science of sex testing” (cap. livro)	Pape	2017	<i>Gender panic, gender policy</i>	Nesta obra, analisam-se estudos publicados após o acontecimento do caso Chand, no que se refere à sua participação como atleta feminina. De acordo com alguns estudos, traz a visão da possibilidade da categorização de um sujeito como homem ou mulher com base nos níveis de testosterona, como anuncia o consenso do COI/2015.
“Transgender Athletes: How Can They Be Accommodated?”	Genel	2017	<i>Current Sports Medicine Reports</i>	Refaz o percurso histórico da participação de atletas trans com base nas primeiras recomendações do COI até as atuais, abordando a diversidade de métodos de reconhecimento de gênero perante as variadas entidades esportivas mundo afora, bem como suas limitações quanto aos resultados e às aplicabilidades.
“Transgender athletes in elite sport competitions: Equity and inclusivity” (cap. livro)	Vilain et al.	2017	<i>Transgender Athletes in Competitive Sport</i>	Retratam a dificuldade de inserção e a baixa representatividade de atletas trans em esportes de elite, tendo como objeto central uma análise da participação de atletas trans em competições esportivas, enfatizando mulheres trans que tenham feito transição hormonal. Abordam, também, as políticas esportivas para trans, descrevendo-as.

Continua...

Quadro 1: Continuação.

Título	Autores/as	Ano	Revista	Principais achados
“Care of the Transgender Athlete”	Dubon, Abbott e Carl	2018	<i>Current Sports Medicine Reports</i>	Abrange, documentalmente, aspectos epidemiológicos e clínicos sobre a participação de atletas trans no esporte e políticas de incentivo para tal. Aponta a baixa taxa de atletas trans inseridos/as no cenário esportivo e controvérsias acerca das políticas públicas em determinados países.
“Implications of a Third Gender for Elite Sports”	Harper et al.	2018a	<i>Current Sports Medicine Reports</i>	Trazem discussões a respeito da identidade de gênero e sua categorização no esporte, bem como questões políticas que incidem sobre tal fenômeno. Além de tratarem dos órgãos determinadores de inclusão de pessoas trans no cenário olímpico, relembram mudanças quanto às categorizações de/por sexo.
“The Fluidity of Gender and Implications for the Biology of Inclusion for Transgender and Intersex Athletes”	Harper et al.	2018b	<i>Current Sports Medicine Reports</i>	Tratam da formulação de políticas públicas com base nas leis internacionais e nas recomendações do COI quanto à participação de atletas trans no cenário esportivo, abordando também a forma de definição sexual atualmente aplicada aos/às atletas. Apresentam, por meio de um estudo aplicado, a questão de “ <i>athlete gender</i> ” como definição para atletas.
“A trajetória pessoal de Tiffany Abreu no esporte de alto rendimento”	Garcia e Pereira	2019	<i>Movimento</i>	Trazem em questão a trajetória pessoal de Tiffany Abreu e sua participação no cenário esportivo entre mulheres nas competições de vôlei, sob autorização do COI e FIVB com base no consenso do COI/2015.

Fonte: Elaboração própria.

Na sequência, descrevemos as características bibliométricas fundamentais para explanação dos conteúdos essenciais para o correto desenvolvimento dessa técnica. Dentre elas, indicamos a quantidade de artigos e sua relação por ano de publicação. A série histórica aponta que o maior número de artigos publicados, conforme demonstrado na Figura 1, compreende-se entre o período dos anos de 2016, 2017 e 2018, todos com um total de três

artigos publicados anualmente. Em especial, damos atenção ao ano de 2016, época em que ocorreu a realização dos Jogos Olímpicos na cidade do Rio de Janeiro, logo em seguida à publicação do consenso do COI/2015 que permitia a participação mais “branda” de atletas trans em competições oficiais.

**Figura 1:** Total de artigos por ano



Fonte: Elaboração própria.

Quanto às fontes de publicação, encontramos dois livros disponibilizados impressos e em *e-book* diretamente nos *sites* da editora ou em lojas parceiras, e oito artigos disponíveis *on-line*. Todas as matrizes foram organizadas em uma tabela com o respectivo quantitativo de estudos encontrados, o número de ISSN para revistas ou ISBN para livros, o tipo de fonte e o fator de impacto para citações das revistas que disponibilizavam tais resultados, além de serem descritas as editoras responsáveis, conforme a Tabela 3:

**Tabela 3:** Principais fontes de publicação

Revista/Livro	Quantidade	ISSN/ISBN	Tipo	Fator de impacto	Editora
<i>Current Sports Medicine Reports</i>	5	1537-8918	Revista	1.137	American College of Sports Medicine
<i>Movimento</i>	1	0104-754X	Revista	0.307	UFRGS
<i>Advances in Gender Research</i>	1	1529-2126	Livro	-	Emerald
<i>Sports Medicine</i>	1	0112-1642	Revista	7.583	Springer
<i>The Lancet</i>	1	0140-6736	Revista	59.102	Elsevier
<i>Transgender Athletes in Competitive Sport</i>	1	9780367233198	Livro	-	Routledge

Fonte: Elaboração própria.

Destacamos o periódico transdisciplinar *Current Sports Medicine Reports*, que pertence à American College of Sports Medicine (ACSM) e tem singularidade nas publicações com foco nos aspectos clínicos da medicina esportiva, desenvolvendo estudos avançados e importantes nesse campo de relevância. Ainda, embora o periódico tenha apresentado o maior quantitativo de estudos (5) encontrados nesta pesquisa, não deteve o maior fator de impacto nesta lista, que pertence ao periódico *The Lancet*, com uma de suas publicações selecionadas neste estudo. A *The Lancet* é uma das mais prestigiadas revistas médicas independentes do mundo. Com periodicidade semanal, tem cobertura internacional centrada tanto no foco em questão quanto em extensões que perpassam as condições da saúde humana. *The Lancet* publica pesquisas originais e artigos de revisão de alto padrão<sup>8</sup>.

Dentre a lista de fontes publicadas, podemos citar uma de nacionalidade brasileira que tem grande respaldo na área da pesquisa em Educação Física, sendo a revista *Movimento da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Lançada em 1994, aborda temas diversos em Educação Física, em especial aqueles sobre aspectos pedagógicos, históricos, políticos e culturais<sup>9</sup>.

Os estudos selecionados na construção deste artigo foram escritos por um total de 27 autores/as que se encontram vinculados a 17 instituições em cerca de cinco países diferentes (Tabela 4). Nestes, o continente europeu apresenta-se como a macrorregião que detém o maior número de publicações nesse campo de pesquisa, sendo seguido pela América do Norte. Cabe ressaltar que o Brasil é o único país sul-americano a apresentar um estudo envolvendo a temática.

Por meio da catalogação dos/as autores/as, foi possível perceber quais se destacavam com maior número de estudos sobre a temática, o que possibilitou que conhecêssemos, por meio de mecanismos de buscas, qual o papel que estes/as autores/as empenhavam com relação ao cenário acadêmico-científico. Na Tabela 4, são apresentados/as os/as principais autores/as dos trabalhos encontrados, correspondendo-os/as aos seus quantitativos trabalhos e às instituições e regiões às quais estão vinculados/as:

---

8 Destacado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Disponível em: <https://bit.ly/2CVVH6n>. Acesso em: 8 mar. 2020.

9 Informação disponibilizada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento?>. Acesso em: 8 mar. 2020.

**Tabela 4:** Autores/as com maior número de publicações

<b>Autores/as</b>	<b>Frequência</b>	<b>Instituição</b>	<b>Cidade</b>	<b>País</b>
María José Martínez-Patiño	5	Universidade de Vigo	Pontevedra	Espanha
Fabio Pigozzi	3	Sapienza Università di Roma	Roma	Itália
Joanna Harper	3	Providence Portland Medical Center	Portland	Estados Unidos
Eric Vilain	2	University of California	Los Angeles	Estados Unidos
Jonathan Ospina Betancurt	2	Universidad Europea de Madrid	Madrid	Espanha

Fonte: Elaboração própria.

Dentre alguns/algumas autores/as, María José Martínez-Patiño foi uma das que mais teve seu nome relacionado à autoria de algum estudo nessa temática: cinco (HARPER et al., 2018a, 2018b; MARTÍNEZ-PATIÑO, VILAIN e BUENO-GUERRA, 2016; PITSILADIS et al., 2016; VILAIN et al., 2017). Especialista em Ciências do Desporto e Ciências Políticas, Martínez-Patiño é membro da Comissão Médica do Comitê Olímpico Internacional e professora da Universidade de Vigo, realizando pesquisas no âmbito da transgeneridade, principalmente a partir do seu cargo como assessora do COI.

Campeã nacional da Espanha nos 100 m com barreiras, Martínez-Patiño era uma atleta promissora. Entretanto, sofreu arredoio na carreira depois de, em 1985, submeter-se a um teste de feminilidade e apresentar o par de cromossomos XY às vésperas de competir nas Universíadas de Kobe, Japão. Iniciou-se aí uma incessante batalha nas pistas e nos tribunais para comprovar sua feminilidade. No entanto, Martínez-Patiño perdeu seu currículo esportivo que a tinha levado, inclusive, a participar do mundial de atletismo de 1983, em Helsinque, na Finlândia.

Em 1988, ela provou por meio de exames laboratoriais que mesmo apresentando o par cromossômico XY, seu organismo sofria da Síndrome de Insensibilidade Androgênica (AIS, em inglês), também conhecida como Síndrome de Morris, que faz que o corpo apresente insensibilidade aos hormônios andróginos. Assim, recuperou sua licença e voltou a competir. Porém, conforme declara em entrevista<sup>10</sup> ao Comitê Olímpico de Portugal, em 2018, sua vida mudou radicalmente: “Foi um dos momentos mais emocionantes da minha vida, quando recebi o telegrama a dizer que

10 Mais informações: <https://bit.ly/39Gv01E>.

era elegível para participar em provas femininas. Devolveram-me os títulos, as medalhas, mas não devolveram os amigos, nem o namorado” (MARÍA JOSÉ PATIÑO, 2018). Martínez-Patiño sofreu com a pressão da mídia e da imprensa, ficando exposta socialmente e sofrendo julgamentos morais de seu desempenho atlético.

Outro autor com número expressivo de estudos foi Fabio Pigozzi, médico e professor pela Universidade de Roma, residente da Federação Internacional de Medicina do Esporte e membro do Comitê Olímpico Italiano. Apresenta contribuições em estudos sobre Medicina Esportiva, com intensa produção e publicação na área da Biomédica Esportiva em livros e capítulos, abordando temáticas concernentes às respostas cardiovasculares para exercícios físicos e treinamentos; epidemiologia; nutrição esportiva e *antidoping*. Também é reconhecido por ter elaborado um guia completo para conhecimento de base, técnicas, práticas e habilidades profissionais necessárias para se tornar um médico esportivo. Alguns de seus trabalhos foram encontrados em nosso estudo visto a sua relevância à temática (HARPER et al., 2018a, 2018b; PITSILADIS et al., 2016).

Outra pesquisadora, Joanna Harper<sup>11</sup>, é uma médica fisiatra no Centro Médico da Província de Portland, nos Estados Unidos. Harper tem dedicado seu tempo de trabalho a outras conquistas pessoais, entre elas o fato de se tornar uma corredora esportiva, tendo competido por mais de 40 anos em diversos eventos. Há 13 anos, a médica começou a pensar sobre níveis de condicionamento físico entre atletas homens e mulheres e a se questionar se alguém havia estudado sobre mudanças pessoais quanto aos níveis de condicionamento quando os/as atletas transitavam de gênero. Seu interesse maior surgiu a partir de sua própria transição de gênero (de homem para mulher), processo iniciado em 2004. Parte dele envolveu reposição hormonal, os quais bloquearam a produção de testosterona e adicionaram estrogênio em seu corpo.

Harper vem documentando, desde então, os efeitos da diminuição dos hormônios andrógenos em seu desempenho nas corridas, destacando perdas significativas em seu rendimento físico, principalmente em provas de longa distância. Enquanto pesquisadora, sempre teve curiosidade sobre os mecanismos

---

11 Em seu *blog*, disponível em <https://bit.ly/310rNpo>, a autora afirma ser “uma médica de profissão, uma corredora ávida por escolha e a única pessoa na história a publicar um artigo revisado por pares sobre o desempenho de atletas transgênero. Também sou a única pessoa transexual a ser consultora do Comitê Olímpico Internacional em questões de gênero e esporte” (tradução nossa). Harper apresenta, assim como Martínez-Patiño, extensa produção acerca de gênero e esporte.

por trás da mudança da capacidade de condicionamento físico. Harper analisou de maneira estatística os níveis de condicionamento físico de corredores homens e mulheres de diferentes idades e apontou que aos 48 anos (idade em que completou sua transição) sua capacidade de corrida em comparação com outras mulheres nessa faixa etária estava exatamente alinhada com sua capacidade anterior de corrida como atleta do sexo masculino (LEVINE, 2017).

A partir disso, a médica vem investigando as experiências de condicionamento físico e esportivo de outras pessoas que fazem a transição de gênero (LEVINE, 2017). Atualmente, assessora o Comitê Olímpico Internacional, tendo participado do consenso de 2015, que se valeu de um de seus estudos (HARPER, 2015) para reformular suas recomendações. Ela também é autora de três trabalhos selecionados em nossa amostra (HARPER et al., 2018a, 2018b; PITSILADIS et al., 2016).

Já o pesquisador Eric Vilain, médico e professor da Universidade da Califórnia (EUA), dedica sua carreira ao estudo biológico da intersexualidade. Como assessor, faz parte de diversos comitês nacionais e internacionais na área. Vilain é extremamente conhecido em seu meio por suas descobertas nos campos de desordens do desenvolvimento sexual e medicina específica. Atua como membro da comissão médica do COI, além de ser um pesquisador de referência sobre diferenças sexuais cerebrais, biologia da orientação sexual e identidade de gênero, tendo decifrado mecanismos moleculares responsáveis pela intersexualidade em seres humanos. Neste estudo, contribuiu com dois de seus trabalhos (MARTÍNEZ-PATIÑO, VILAIN e BUENO-GUERRA, 2016; VILAIN et al., 2017). Vale lembrar que esse pesquisador auxiliou na redefinição dos termos “intersexo”, “pseudo-hermafroditas” e “hermafroditismo”, uma vez que são controversos e não definem com exatidão os intercursos biológicos de ordem sexual.

Jonathan Ospina Betancurt é professor e pesquisador da Universidade de Brighton, além de ser licenciado em Ciências da Atividade Física e do Esporte, mestre na mesma área e PhD em Ciências do Esporte, atuando no desenvolvimento de pesquisas de condicionamento e desempenho humana e, em especial, voltando-se a atletas trans. Suas publicações tratam da participação de atletas trans em competições esportivas, principalmente aqueles/as considerados de elite, abordando, também, diferenças sexuais relacionadas ao rendimento/condicionamento físico e às questões de equidade e inclusão desse público no esporte. Neste trabalho, conta como autoria em dois estudos

científicos utilizados para composição do devido embasamento teórico-metodológico (PITSILADIS et al., 2016; VILAIN et al., 2017).

A Tabela 5 ilustra a quantidade de autores/as que estão vinculados às instituições que realizam pesquisas com o objeto do nosso estudo. A instituição com maior número de autores/as vinculados/as é a Universidade de Roma (Itália), que conta com sete autores/as. Logo em seguida, vêm as Universidades de Brighton (Reino Unido) e Vigo (Espanha), que correspondem a um total numérico de cinco autores/as de estudos cada. O Brasil vem representado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com dois autores, assim como as Universidades da Califórnia e de Madrid (Espanha).

**Tabela 5:** Quantidade de autores/as por instituição

Instituição	Quantidade
Sapienza Università di Roma	7
University of Brighton	5
Universidade de Vigo	5
Northwestern University	3
Universidade Federal do Rio de Janeiro	2
Universidad Europea de Madrid	2
University of California	2
Providence Portland Medical Center	1

Fonte: Elaboração própria.

A maior parte dos/as autores/as encontrados/as concentra-se no continente europeu, reforçando uma crença de disparidade na produção de conhecimentos. Historiadores/as e outros/as pesquisadores/as acadêmicos afirmam que alguns/as autores/as tendem a se referir à Europa como a encarnação de certos valores e tradições, em razão de intensos processos civilizatórios que permitiram o transcender de fronteiras nacionais depois do período de reconstrução da Segunda Guerra Mundial, perpetuando uma ideia essencialista europeia. Entretanto, ultimamente tem-se realizado diversos estudos que permitem o uso de uma abordagem oposta a essa ideia inicial e que considera esse continente como aberto, com fronteiras flexíveis e passíveis de intercâmbio cultural com demais regiões (DUVE, 2015; TATE; LOPES; BOTERO BERNAL, 2019), permitindo processos de avanços científicos, como parte dos resultados encontrados na região da América do Norte, por exemplo.

Os estudos científicos encontrados em geral têm uma característica multidisciplinar em razão da diversidade da formação dos/as pesquisadores/as. Entretanto, grande parte deles apresenta formação na grande área



das Ciências da Saúde, principalmente Medicina, seguido pelos cursos das Ciências Humanas, com leve porcentagem de disposição. Basicamente, nenhum/a tem formação na área de Ciências Exatas.

É importante ressaltar que a Educação Física enquanto área de conhecimento permite tal multidisciplinaridade, a partir de considerações pertinentes à sua construção social e científica. A Educação Física sempre fez parte das Ciências da Saúde, priorizando suas manifestações em argumentos do funcionamento do organismo humano. Entretanto, os/as autores/as postulam que existem outros olhares atrelados ao ramo da Educação Física, como aqueles que a consideram um fenômeno com implicações sociais, políticas e culturais e sendo, portanto, um produto sociocultural. Assim, esse campo de conhecimento, cujos/as pesquisadores/as, por vezes, não consideravam as diferenças culturais expressadas pelos mais diversos grupos sociais, agora tem outro sentido visionário de abordagem, permitindo o emprego de novas vertentes para estudo.

Nessa perspectiva, é apresentado o corpo, sendo ele merecedor de intrínsecos cuidados no intuito de que se possa tanto manter as marcas identitárias de gênero – devidamente construídas no meio social ao decorrer da vida, mas fundidas com a aquisição de comportamentos novos e de significados atribuídos – como investigar as percepções e os usos sociais desse corpo, assim como as motivações para as suas transformações e inserção na vida atleta.

Já no que concerne à filiação dos/as autores às instituições identificadas, a Universidade Federal do Rio de Janeiro apresenta-se como a única brasileira a realizar esse tipo de estudo, com essa metodologia, e com esse corte temporal, até o presente momento – caracterizando, assim, a inovação nos estudos de corpo, esporte e gênero e contribuindo com o avanço e o desenvolvimento da ciência na instituição. De acordo com *rankings* de avaliações de universidades, a Universidade Federal do Rio de Janeiro figura como uma das melhores instituições de ensino superior do mundo<sup>12</sup>. Um dos fatores considerados nesse *ranking* refere-se à quantidade de citações em periódicos científicos indexados, retorno a pesquisas, ensino e sociedade. Muito de seus resultados deve-se à excelência em pesquisas dentro e fora do âmbito de atuação da instituição. Trata-se de uma universidade que tem 100 anos de história e conta com 176 cursos de graduação,

---

12 UFRJ se mantém entre as melhores universidades do mundo. Disponível em: <https://bit.ly/3gnuyYJ>. Acesso em: 18 mar. 2020.

130 cursos de mestrado e 94 cursos de doutorado, realizando pesquisas de suma importância no cenário social e compondo, assim, parte do panorama brasileiro no meio acadêmico (UFRJ, 2019).

Das instituições que concentraram maior número de pesquisadores/as, descreveremos as três primeiras: a Universidade de Roma, com sete pesquisadores/as filiados/as, conta com mais de 700 anos de história e cerca de 115 mil estudantes, sendo a primeira universidade da Europa em número de matriculados/as e uma das primeiras universidades da Itália com reconhecimento pela sua qualidade em ensino e pesquisa, tendo excelentes campos de pesquisa, sobretudo nas Ciências Humanas e Heranças Culturais (CHI SIAMO, 2017).

A Universidade de Brighton, que conta com cinco autores/as, faz parte da cidade de Brighton e Hove, na Inglaterra, desde 1859, começando como uma escola de arte nas cozinhas do Royal Pavilion e crescendo para se tornar a instituição diversificada e inclusiva que é hoje. Tem mais de 20 mil estudantes e 2.600 funcionários estudando e trabalhando pelos quatro campi em Brighton e Eastbourne. Os cursos oferecidos são diversos, de Medicina a Engenharia, Psicologia a Ilustração, Ciência do Esporte a Literatura Inglesa, entre outros. Para a instituição, “os alunos estão no centro de tudo o que fazemos e assumem um papel ativo em sua experiência de aprendizado. Eles nos deixam prontos para fazer a diferença para o mundo” (YOUR UNIVERSITY, 2020, p. 1, tradução nossa).

Já a Universidade de Vigo, também com cinco autores citados neste trabalho, tem uma grande oferta formativa nos três campi especializados, presentes nas cidades de Ourense, Pontevedra e Vigo, na Espanha, onde existem mais de 30 centros para formação e investigação, assim como instalações para esporte, lazer e programação cultural continuada. Conta com 39 programas de doutorado e, como instituição comprometida com o ambiente social e econômico, aposta na pesquisa especializada e de qualidade (CONÓCENOS, 2020).

De todos os estudos analisados, apenas dois deles apresentam *keywords* (GARCIA; PEREIRA, 2019; PAPE, 2017), o que nos permite afirmar que, no processo de busca nas bases de dados, foi-nos identificado documentos a partir da correlação dos descritores com os títulos, os resumos e a redação dos demais trabalhos. Sendo assim, foi encontrado um total de 10 palavras-chave: “*Sports*”, “*Gender identity*”, “*Transgender persons*”, “*Case reports*” em Garcia e Pereira (2019) e “*Gender*”, “*Sex Difference*”, “*Science*”, “*Sports*”, “*Law*”, “*Policy*” em Pape (2017), sendo uma delas duplicada (“*Sports*”).

As palavras-chave têm relação direta com os macro/microtemas<sup>13</sup>, formando-os de acordo com o que foi explorado nos artigos base para a construção deste estudo. A partir daí, aplicamos esses índices nos títulos das demais pesquisas, verificando os temas de acordo com sua constância e significância nos estudos de gênero e sexualidade na Educação Física e Esporte. Nas Tabelas 6 e 7 são exemplificados estudos de acordo com a aparição das palavras-chave e a formulação dos seus eixos norteadores.

Os macrotemas (Tabela 6) encontrados nos estudos têm relação com as principais temáticas abordadas nos estudos encontrados para composição deste trabalho, permitindo assim a construção de um estreito embasamento teórico para estruturação dos trabalhos que foram devidamente analisados.

**Tabela 6:** Macrotemas e trabalhos

Macrotemas	Exemplo de estudos
<i>Transgender persons</i>	Dubon, Abbott e Carl (2018); Garcia e Pereira (2019); Genel (2017); Harper et al. (2018b); Jones et al. (2016); Pitsiladis et al. (2016); Vilain et al. (2017)
<i>Sports</i>	Garcia e Pereira (2019); Harper et al. (2018a); Jones et al. (2016); Martínez-Patiño, Vilain e Bueno-Guerra (2016); Pape (2017); Vilain et al. (2017)

Fonte: Elaboração própria.

Os microtemas (Tabela 7) descobertos nas pesquisas têm relação com as temáticas específicas abordadas em alguns estudos, os quais, além de abordarem as questões relativas ao objeto de interesse comum, contribuem com outras informações.

**Tabela 7:** Microtemas e trabalhos

Microtemas	Exemplo de estudos
<i>Gender identity</i>	Garcia e Pereira (2019)
<i>Case reports</i>	Garcia e Pereira (2019)
<i>Gender</i>	Martínez-Patiño, Vilain e Bueno-Guerra (2016); Pape (2017); Harper et al. (2018a, 2018b)
<i>Sex difference</i>	Pape (2017)
<i>Science</i>	Pape (2017)
<i>Law</i>	Pape (2017)
<i>Policy</i>	Pape (2017)

Fonte: Elaboração própria.

<sup>13</sup> De acordo com Dal Pizzol et al. (2015), os macrotemas referem-se às principais temáticas de um objeto de estudo e que contêm, por sua vez, os microtemas, isto é, especificidades de investigação para tal objeto.

Tais eixos norteadores servem não somente como embasamento para a estruturação da construção dos artigos, mas também para sua coerência e coesão, permitindo uma melhor objetificação e clareza na apresentação dos resultados, não tornando a leitura extenuante e pouco atrativa aos olhos do/a leitor/a, seja ele/a iniciante ou profissional.

Cabe elencar que a partir da elaboração deste estudo, notamos a incipiência de estudos publicados com a temática sobre a inserção de atletas trans no esporte a partir da publicação do consenso do COI/2015. Da grande quantidade de achados preliminares, poucos tinham relevância para com a temática, esvaindo-se para outros campos – sobretudo para aqueles de fenômenos psicológicos, que apesar de sua enorme relevância científica, não aportavam para com os objetivos norteadores desta pesquisa. Assim, esse escasso cenário corrobora com a assertiva de Jones et al. (2016) de que, em razão dessa limitação, cria-se um ambiente pouco propício e muito desfavorável para a participação/inserção de pessoas trans no esporte.

Ao que tudo indica, a partir da década de 2020, o fenômeno esportivo passará por um processo de reformulação para poder incluir, também, os/as atletas trans. O próprio COI, em seu documento de 2015 (p. 2, tradução nossa) reconhece que “é necessário garantir, na medida do possível, que os/as atletas trans não sejam excluídos da oportunidade de participar de competições esportivas. O principal objetivo esportivo é e continua sendo a garantia de uma competição justa” (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, 2015).

Contudo, existe forte resistência a esse movimento de ressignificação esportiva, o que já era sinalizado por Harper em sua pesquisa de 2015 (p. 8, tradução nossa): “Haverá uma forte oposição de atletas, pais e fãs à inclusão de mulheres trans. Levará muitos anos até que o entusiasta esportivo entenda que as mulheres trans que sofreram supressão de testosterona não vão dominar as mulheres”.

O pânico moral de uma suposta “dominação trans” nas competições femininas é oriundo de um discurso axiológico da testosterona que prega como consequência inexorável um rendimento sempre melhor/acima do que quem apresentar níveis menores desse hormônio. Esse pensamento é problemático, já que desconsidera outras questões concernentes ao rendimento e às (des)vantagens atléticas de praticantes em cada modalidade esportiva. Como já se sabe, em média, atletas do sexo masculino apresentam rendimento melhor/maior que atletas do sexo feminino. No entanto, não existe

pesquisa empírica que identifique as razões específicas para tal fato (JONES et al., 2016). O que se sabe até hoje é que, com base em pesquisas de intervenção com pessoas cis, acredita-se que os principais elementos que interfiram no desempenho de atletas nos esportes competitivos no que diz respeito ao aumento de resistência, de massa muscular e de potência, entre outros, são os hormônios androgênicos (em especial, a testosterona), “e, embora essa crença tenha validado várias políticas esportivas, a testosterona pode não ser o marcador primário, ou mesmo útil, na determinação da vantagem atlética” (JONES et al., 2016, p. 713, tradução nossa).

A testosterona é apenas uma parte da fisiologia de uma pessoa, e existem outros fatores importantes (biológicos e ambientais) que devem ser considerados se a equidade (ou ausência de vantagem) for o objetivo no esporte competitivo. Além disso, é importante estabelecer o que é de fato uma vantagem atlética no esporte competitivo, o que facilitaria a inclusão de todos/as os/as atletas (independentemente de sua identidade de gênero) quanto à premissa de justiça (IWAMOTO e ALMEIDA, 2018).

Por fim, o que podemos destacar de nosso estudo bibliométrico é uma concentração científica na abordagem qualitativa sobre a temática, sendo necessário, portanto, que as investigações de cunho quantitativo passem a ser estimuladas e realizadas nesse tocante. Acreditamos que uma abordagem mista seja a mais ideal, pois irá trabalhar com questões biomédicas e socioculturais, enriquecendo, assim, a literatura sobre o tema.

### **Considerações finais**

Percebe-se a incipiência de estudos que tratem da inserção e da permanência de atletas trans no esporte, sobretudo no que diz respeito às competições esportivas divididas no/pelo gênero binário. Em muitos países, a transgeneridade ainda é vista como crime e, portanto, é proibida, inviabilizando atletas trans de ascenderem esportivamente por esse fator.

Os resultados obtidos por meio deste estudo evidenciaram que as poucas publicações sobre a temática se concentram majoritariamente na Europa e América do Norte. O Brasil apresentou apenas um estudo, tornando-se necessário um novo olhar sobre tal perspectiva de campo para atuação e expansão dos conhecimentos, o que contribuiria não somente para o fortalecimento científico e para o esporte, mas para os fenômenos socioculturais aplicados à Educação Física de modo geral.

Percebe-se também a necessidade de adequação quanto ao uso dos descritores para que, assim, haja uma correta indexação e mais estudos possam ser evidenciados e analisados sob outras óticas de estudiosos/as sobre o tema, além do aumento da possibilidade de divulgação dos trabalhos realizados em diversos grupos de pesquisas que atuem nesse segmento. Talvez, o número baixo de pesquisas encontradas (10) tenha se dado pelo fato de que muitos trabalhos<sup>14</sup> não apresentam os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) utilizados em nossas buscas.

Por fim, sugerimos que mais pesquisas sejam realizadas sobre esse fator primordial de atuação, que está em constante crescimento e que é pouco desbravado – o que contribuiria, também, para o fortalecimento das pesquisas em Educação Física realizadas pelas universidades brasileiras. Além disso, recomendamos novas pesquisas que desmistifiquem algumas ações que inviabilizam a participação e a inserção de atletas trans no esporte e que analisem a relação de possíveis (des)vantagens diante de pessoas cis no âmbito da competição esportiva, já que essa investigação se encontra incipiente e repleta de lacunas na literatura científica.

## Referências

ANJOS, L. A.; GOELLNER, S. V. Esporte e transgeneridade: corpos, gêneros e sexualidades plurais. *In*: WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V.; DORNELLES, P. G. (orgs.). **Educação física e sexualidade: desafios educacionais**. Ijuí: UNIJUÍ, 2017. p. 51-72.

BORGES, A. M. **Travestis e mulheres transexuais no voleibol: (im) possibilidades de inserção e reconhecimento no esporte de alto rendimento em Campo Grande (MS)**. 2018. 102 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

BOTELHO, J. G.; AGUIAR, T. G. O.; QUADRADO, R. P. Q. Problematizando questões de gênero: “A força de uma mulher forte”. **Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, Foz do Iguaçu, v. 5, p. 1-9, abr. 2019. Edição especial.

14 Tais como Borges (2018); Botelho, Aguiar e Quadrado (2019); Brito e Pontes (2015); Coelho e Mourão (2019); Coelho et al. (2018); Da Silva (2019); Freitas (2018); Garcia e Pereira (2018); Iwamoto e Almeida (2018); Paes e Moas (2018); Pires (2016); Prado e Nogueira (2018); e Silva, Moura e Lopes (2018).

BRANDAU, R.; MONTEIRO, R.; BRAILE, D. M. Importância do uso correto dos descritores nos artigos científicos. **Revista Brasileira de Cirurgia Cardiovascular**, São José do Rio Preto, v. 20, n. 1, p. 7-9, 2005.

BRITO, L. T.; PONTES, V. S. “Tiffany Abreu is still one of the guys”: uma discussão sobre transgeneridade no espaço do voleibol”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 19., E CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 7., 2015, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: UFES, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/30ZZY0I>. Acesso em: 16 fev. 2019.

CAMARGO, W. X. Esporte, cultura e política: a trajetória dos Gay Games nas práticas esportivas contemporâneas. **Revista USP**, São Paulo, v. 1, n. 108, p. 97-114, mar. 2016.

CHI SIAMO. **Sapienza Università di Roma**, [online], 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2XaLtWO>. Acesso em: 17 mar. 2020.

COELHO, F. D.; MOURÃO, L. As (trans)formações das representações sociais de gênero no esporte. In: SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, 7., 2018, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: FURG, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/30WY1SB>. Acesso em: 18 jul. 2019.

COELHO, F. D.; MOURÃO, L. Notas sobre a inclusão de atletas transgênero no esporte. In: GUILHERME, W. D. (org.). **A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas**. Ponta Grossa: Atena, 2019. p. 197-209. v. 1.

COELHO, R. T. et al. Atletas transgêneros: tabu, representatividade, minorias e ciências do esporte. **Revista de trabalhos acadêmicos universo**, São Gonçalo, v. 3, n. 5, p. 29-58, 2018.

CONÓCENOS. **Universidade de Vigo**, [online], 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3g94C2Q>. Acesso em: 18 mar. 2020.

COSTA, T. et al. Bibliometria e a avaliação da produção científica: indicadores e ferramentas. In: CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 11., 2012, Lisboa. **Anais [...]**. Lisboa: Bad, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3f9lIII>. Acesso em: 28 ago. 2019.

DA SILVA, M. E. A. A divisão no esporte deve ser separada por sexo ou gênero. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 236-249, 2019.

DAL PIZZOL, L. et al. Análise bibliométrica da produção científica sobre Linked Data. **Informação & Informação**, Londrina, v. 20, n. 3, p. 77-112, 2015.

DEVIDE, F. P. Educação Física e sexualidade: desafios educacionais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 3, e54609, 2018.

DUBON, M. E.; ABBOTT, K.; CARL, R. L. Care of the Transgender Athlete. **Current Sports Medicine Reports**, Philadelphia, v. 17, n. 12, p. 410-418, 2018.

DUVE, T. História do direito europeu: perspectivas globais. **Revista da Faculdade de Direito UFPR**, Curitiba, v. 60, n. 3, p. 383-412, set./dez. 2015.

FREITAS, G. H. S. “Fair play” e invisibilidade: a atuação do Comitê Olímpico Internacional para a inclusão social de pessoas trans. 2018. 86 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Instituto de Economia e Relações Internacionais, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

GARCIA, R. M.; PEREIRA, E. G. B. Ressignificações no esporte através da performance de Tiffany Abreu. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação da Câmara dos Deputados**, Brasília, DF, v. 11, p. 24-44, nov. 2018.

GARCIA, R. M.; PEREIRA, E. G. B. A trajetória pessoal de Tiffany Abreu no esporte de alto rendimento. **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 1-15, 2019.

GENEL, M. Transgender Athletes: How Can They Be Accommodated? **Current Sports Medicine Reports**, Philadelphia, v. 16, n. 1, p. 12-13, 2017.

GRESPLAN, C. L.; GOELLNER, S. V. Fallon Fox: um corpo *queer* no octógono. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 4, p. 1265-1282, out./dez. 2014.

HARPER, J. Race Times for Transgender Athletes. **Journal of Sporting Cultures and Identities**, Champaign, v. 6, n. 1, p. 1-9, 2015.

HARPER, J. et al. Implications of a Third Gender for Elite Sports. **Current Sports Medicine Reports**, Philadelphia, v. 17, n. 2, p. 42-44, 2018a.

HARPER, J. et al. The Fluidity of Gender and Implications for the Biology of Inclusion for Transgender and Intersex Athletes. **Current Sports Medicine Reports**, Philadelphia, v. 17, n. 12, p. 467-472, 2018b.



INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **IOC Consensus Meeting on Sex Reassignment and Hyperandrogenism**. Lausanne, Switzerland, nov. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2BEIU7I>. Acesso em: 29 jul. 2020.

IWAMOTO, T. C.; ALMEIDA, D. M. F. The case of the transsexual athlete Tiffany Abreu and the repercussion in the social networks. **International Journal of Humanities and Social Science Invention**, [S. l.], v. 7, n. 12, p. 67-74, 2018.

JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília, DF: Autora, 2012. 24 p.

JONES, B. A. et al. Sport and transgender people: a systematic review of the literature relating to sport participation and competitive sport policies. **Sports Medicine**, Auckland, v. 47, n. 4, p. 701-716, 2016.

LE BRETON, D. Corpo, gênero, identidade. Trad. Gercélia Batista de Oliveira Mendes. In: FERRARI, A. et al. (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Lavras: UFLA, 2014. p. 18-34.

LEVINE, A. G. Profiles in Versatility: Medical Physicist Studies Transgender Athletes. **American Physical Society**, [S. l.], v. 26, n. 9, p. 1-4, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2X5FLpc>. Acesso em: 16 mar. 2020.

MARÍA JOSÉ PATIÑO: “Mulheres com cromossomas xy sempre houve”. **Comité Olímpico de Portugal**, [S. l.], 18 set. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/39Gv01E>. Acesso em: 29 jul. 2020.

MARTÍNEZ-PATIÑO, M. J.; VILAIN, E.; BUENO-GUERRA, N. The unfinished race: 30 years of gender verification in sport. **The Lancet**, London, v. 388, n. 10044, p. 541-543, 2016.

MORAES, R. O. et al. Gestão Estratégica de Custos: Investigação da Produção Científica no Período de 2008 a 2012. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CUSTOS, 20., 2013, Uberlândia. **Anais [...]**. São Leopoldo: Associação Brasileira de Custos, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/39I4zbJ>. Acesso em: 11 set. 2019.

PAES, E. A.; MOAS, L. C. O masculino, o feminino e o esporte: o projeto de lei João Nery e um olhar sobre a jogadora de vôlei Tiffany. **Revista Transversos**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 133-149, set./dez. 2018.

PAPE, M. The Fairest of Them All: Gender-Determining Institutions and the Science of Sex Testing. In: DEMOS, V.; TEXLERSEGAL, M. **Gender Panic, Gender Policy**. Bradford: Emerald, 2017. p. 177-200.

PASSOS, G. COI: transexuais podem competir no Rio sem necessidade de cirurgia. **Portal EBC**, Rio de Janeiro, jan. 2016. Edição de Líria Jade. Disponível em: <https://bit.ly/3f8kYav>. Acesso em: 31 ago. 2019.

PIRES, B. G. As políticas de verificação de sexo/gênero no esporte: intersexualidade, doping, protocolos e resoluções. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 215-239, dez. 2016.

PITSILADIS, Y. et al. Beyond Fairness: The Biology of Inclusion for Transgender and Intersex Athletes. **Current Sports Medicine Reports**, Philadelphia, v. 15, n. 6, p. 386-388, Dec. 2016.

PRADO, V. M.; NOGUEIRA, A. L. G. A. Transexualidade e esporte: o caso Tiffany Abreu em “jogo”. **Revista Eletrônica Interações Sociais**, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 60-72, jan./jun. 2018.

REZENDE, R. M.; PASSOS, A. As mentiras que te contaram sobre a presença de Tiffany na Superliga. **LinkedIn**, [online], jan. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3f8mt8D>. Acesso em: 5 fev. 2019.

SANTOS, G. C. Análise bibliométrica dos artigos publicados como estudos bibliométricos na história do Congresso Brasileiro de Custos. **Pensar Contábil**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 62, p. 4-13, jan./abr. 2015.

SILVA, M. R. N.; MOURA, S. K. M. S. F.; LOPES, D. T. Preconceito no esporte: casos do voleibol. **Revista Campo do Saber**, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 105-119, jan./jun. 2018.

TATE, J. C.; LOPES, J. R. de L.; BOTERO BERNAL, A. (eds.). **Global legal history: a comparative law perspective**. London: Routledge, 2019.

UFRJ se mantém entre as melhores universidades do mundo. **UFRJ**, Rio de Janeiro, 16 de junho de 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3gcaHeE>. Acesso em: 17 mar. 2020.

VILAIN, E. et al. Transgender athletes in elite sport competitions: equity and inclusivity. *In*: ANDERSON, E.; TRAVERS, A. **Transgender Athletes in Competitive Sport**. Abingdon: New York: Routledge, 2017. p. 156-170.

YOUR UNIVERSITY. **University of Brighton**, [online], 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3jQjsxc>. Acesso em: 18 mar. 2020.

Recebido em dezembro de 2019.

Aprovado em julho de 2020.